

Uma trajetória de lutas em defesa das mulheres negras

Alzira Rufino, ativista feminista e anti-racista, analisa as conquistas e desafios do movimento de mulheres negras e discute a importância da comunicação popular na transformação das relações de gênero e raça

Por Karina Janz Woitowicz¹

Nascida em 1949, de família negra e pobre, Alzira Rufino é sinônimo de protagonismo das mulheres negras. Formada em enfermagem, desde cedo buscou meios para lutar contra a discriminação de raça, gênero e classe, participando de diversas organizações políticas. Fundadora do Coletivo de Mulheres Negras da Baixada Santista, criou em 1990 a Casa de Cultura da Mulher Negra (Santos/SP), que se



tornou uma referência no combate à violência doméstica e de raça contra as mulheres. Também coordenou a Rede Feminista Latino-Americana e do Caribe contra a Violência Doméstica, Sexual e Racial, na sub-região Brasil, e foi responsável pela criação de diversas leis e serviços em defesa dos direitos das mulheres.

Filha de Oiyà/Yansan, Alzira é Ialorixá, poeta e comunicadora popular, além de incentivadora de muitos projetos sociais. Já recebeu diversas homenagens, e esteve entre as 52 brasileiras indicadas para o Prêmio Nobel da Paz em 2005.

Escritora e articulista, Alzira escreve para jornais e periódicos do Brasil e do exterior sobre questões relativas às mulheres negras e já ganhou diversos prêmios de poesia. Com este trabalho, ela busca dar visibilidade às ações que envolvem as mulheres negras e promove o envolvimento entre a mídia, o poder público e a comunidade em torno destas questões. Alzira tem ainda publicações de poesia, ficção e ensaios sobre comunicação, cultura afro-brasileira e direitos humanos. Entre elas, destacam-se “Eu, mulher negra, resisto” (1988), “Mulher negra, uma perspectiva histórica” (1987), “Mulher negra tem história” (1987), “O poder muda de mãos, não de cor” (1996), além de artigos em diversas publicações especializadas.

Desde 2001, Alzira edita semestralmente a *Revista EPARREI de Arte e Cultura Negra* e o *Boletim EPARREI Online*, de periodicidade bimestral. Como comunicadora popular, ela reconhece a importância da comunicação nas lutas contra o preconceito e a discriminação de raça, gênero e classe, trabalhando a informação em uma perspectiva contra-hegemônica.

Em entrevista à *Revista Folkcom*, Alzira Rufino destaca a necessidade de valorizar um outro modo de contar a história do povo negro e buscar transformações efetivas na sociedade, através da atuação como militante dos movimentos negro e feminista e como comunicadora.

¹ Professora de Jornalismo da UEPG e doutoranda em Ciências Humanas da UFSC.

A senhora é uma referência do movimento negro e também do movimento feminista, devido à sua atuação em diversas lutas envolvendo direitos humanos. Como começou esta trajetória? Que momentos a senhora poderia destacar como principais?

AR: Eu entendo que a mulher negra já começa sua luta desde o nascimento. Na sua infância, na sua adolescência, na sua maioridade, dentro da universidade, no trabalho, em todos os espaços onde ela vive o preconceito. Mas essa luta específica no movimento negro começou em 1970, quando foram formados vários movimentos negros, como o MNU e outros, mas não se discutia a questão da mulher negra. A partir daí, nós começamos a conversar com as mulheres e demos início a um trabalho dentro do movimento com a discriminação das mulheres negras.

Quais os principais marcos das lutas das mulheres negras? O que se poderia registrar como conquistas e quais as bandeiras atuais?

AR: Nós tivemos muitas conquistas com a inserção gradual das mulheres negras nas universidades, várias ONGs de mulheres negras que foram formadas, várias mulheres negras que participam de movimentos sociais, várias mulheres negras que participam da luta intelectual, dentro das universidades. Isso envolve a questão política, a questão social e principalmente a questão dos direitos humanos. A questão da mulher negra está também nos partidos políticos, onde elas não estão mais como participantes, mas como protagonistas das lutas raciais, de gênero e principalmente de direitos humanos.

E agora vivemos um momento bastante participativo das mulheres negras ativistas, seja em relação às cotas, à inserção nos meios de comunicação e à participação política. Estamos fazendo um trabalho nas Câmaras, Assembléias e no Senado, para emergir um maior número de mulheres negras.

No que diz respeito à indicação ao Prêmio Nobel da Paz, entendemos que representou uma conquista conseguirmos que 18 mulheres negras estivessem concorrendo nesse prêmio. Eu vejo com muita felicidade que a gente conseguiu estar lá, podendo contar nossa história e nosso trabalho, e podendo mostrar para o mundo a nossa luta enquanto mulheres negras brasileiras. É a primeira vez que há um maior reconhecimento de mulheres do povo, mulheres da base, e há necessidade disso.

Agora estamos trabalhando também a questão da violência doméstica, a mudança das leis e estamos encabeçando uma luta também em defesa da trabalhadora doméstica.

Além da luta das comunidades quilombolas, que as mulheres negras também estão à frente, envolvendo a questão da terra. Então acredito que avançamos muito, mas ainda temos muito o que fazer...

Como a comunicação participa destas lutas das mulheres negras?

AR: Estamos trabalhando bastante, também, a comunicação e a informação, com uma outra história das mulheres negras. Porque se fala muito que a mulher negra é “boa de cama”, entre outros estereótipos, mas não existe uma pesquisa histórica consolidada, capaz de fazer um registro destas mulheres que muito fizeram para que nós estivéssemos aqui.

E hoje estamos aqui, com vontade de continuar trabalhando. Estar com a revista *Eparrei*, trabalhando a comunicação, é um destes grandes avanços. Com a formação de jovens negras, em cursos de mestrado e doutorado, está se construindo uma outra história do poder intelectual da mulher negra, ou melhor, fazendo a história em uma nova direção. Eu acho que nós avançamos, temos muito o que avançar, e os meios de comunicação ainda tem muito a fazer. Teve recentemente aquela campanha do apagão, em relação à minissérie da Globo, JK, em que nós achamos uma violência muito séria o que eles

apresentaram sobre estupro e espancamento de mulheres negras. Por isso, estamos atentas à imagem das mulheres negras nos meios de comunicação.

Neste sentido, é possível identificar textos com abordagens críticas sobre a mídia. Como o movimento de mulheres negras discute o preconceito nos meios de comunicação?

AR: De um modo geral, os veículos comerciais são racistas, mostram o negro de forma muito pesada, pejorativa. Em relação à mulher negra, ela aparece sempre como doméstica, associada à miséria e sem poder. Por isso, é preciso mudar a forma como os meios tratam a mulher negra e a raça negra. Nós estamos fazendo algumas intervenções políticas, em termos de gênero e raça, dentro dos meios de comunicação.

Como se dá esta dupla militância, no movimento negro e no movimento feminista?

AR: Eu entendo que o movimento feminista ainda precisa aprender muito com a questão da mulher negra. Porque elas ainda não colocam a questão da raça com seriedade dentro do movimento feminista. Este é um trabalho nosso, é preciso dar mais visibilidade para o trabalho, para a luta, para os avanços da mulher negra, e precisamos reconversar com as feministas e perguntar para elas de que mulheres nós falamos. É preciso trabalhar a questão das mulheres negras e indígenas no movimento. Não é só dizer que existem, é preciso que se tenha um processo de inclusão de mulheres negras no movimento feminista de fato.

Gostaria que falasse um pouco sobre a sua atuação como comunicadora popular, ou seja, sobre o papel da comunicação na transformação das relações de raça e gênero...

AR: Eu entendia que era preciso dar mais visibilidade à história das mulheres negras, no trabalho dessas mulheres, o que elas fizeram. Então nós formamos a Casa de Cultura da Mulher Negra, em Santos, que desde que nasceu assumiu o objetivo de dar visibilidade ao trabalho das mulheres negras. Então nós começamos com pequenos boletins, pequenos folhetos, e hoje chegamos à revista *Eparrei* e ao boletim *Eparrei On-line*. Mas sabemos que é preciso caminhar mais. Temos que ter uma maior atuação, uma maior interferência nos meios de comunicação: jornais, tevês, onde há um espaço nós estamos lá, falando das nossas especificidades. Nesse processo, hoje nós temos muitas jovens negras que estão fazendo comunicação para fortalecer tecnicamente este trabalho.

Como surgiu a idéia de publicar a revista Eparrei? Qual a proposta da revista?

AR: Eu sou uma mulher religiosa, da religião afro-brasileira, sou uma sacerdotisa, filha de Oiyà/Yansan, na língua yorubá. Nós ficamos realmente preocupadas porque existem muitas revistas, mas não tem nenhuma específica sobre a mulher negra e sobre a cultura negra. Existem algumas publicações voltadas ao público negro, mas são projetos bem comerciais, e nós precisaríamos mostrar para a sociedade outras questões que envolvem os negros. Daí surgiu a revista *Eparrei*. É importante esta proposta de trabalhar uma outra forma de comunicação, que mostra a mulher negra diferente do que mostram as outras revistas.

Existe, portanto, uma preocupação em desmistificar a fórmula que a mídia trata as mulheres, especialmente negras. Estamos buscando um espaço próprio através da revista, do boletim, de programas de rádio e outras iniciativas. A proposta é ampliar este trabalho de divulgação, em uma outra perspectiva.

Ao folhear a revista, fica evidente a relação com a religiosidade. Qual a importância da religião para a afirmação cultural do movimento negro?

AR: As casas de religiosidade africanas são quilombos de resistência. E esses quilombos de resistência são dirigidos e coordenados por mulheres. Então nada mais justo que nós déssemos visibilidade em uma revista de mulheres negras a estas senhoras líderes da comunidade, que não têm espaço nos meios de comunicação e podem ser valorizadas pela revista.

E, por fim, qual o significado do nome da revista?

AR: *Eparrei* é uma saudação ao orixá Yansan, uma deusa de guerra: “senhora, venha cuidar de nós”. Quando ela vai para a guerra, ela vai guerreando. E a gente sempre pede para ela para ter calma. É, portanto, uma oração que pede calma.